



COMO “TRATAR” A EDUCAÇÃO?

Atualmente, a prática clínica, vem acolhendo, em consultórios, inúmeras discussões que abrangem o ensino, o papel das instituições educacionais, a escolha profissional, a metodologia de ensino, o papel da família e seus respectivos impactos na formação psicopedagógica dos estudantes. Fato que reflete no retorno de graduados às faculdades ou universidades em busca da chamada “segunda formação”; e, isto tem ocorrido por escolhas imaturas, fatores econômicos, expectativas dos pais depositadas em mentes ainda adolescentes que confundem seus desejos com suas necessidades, ora de retribuir, ora de agradar, ou até mesmo “não desagradar” aos pais e, por vezes, familiares. Pais que depositam nos filhos o futuro econômico da família ou seus próprios sonhos não realizados e que não conseguem compreender o real papel e limite das instituições de ensino. E instituições de ensino que depositam no aluno seu marketing promocional, através da necessidade de divulgar o número de aprovados no vestibular ou de profissionais formados pela instituição, ou ainda por sentirem dificuldade de interagir com os pais na busca de melhores soluções para as diversas demandas: família, instituição e aluno. Diante deste panorama educacional é preciso que projetos sejam desenvolvidos para contribuir com o ensino, no intuito de devolver-lhe o lugar de que faz jus.

Dinâmica familiar:

O enfoque voltar-se-á para aspectos tais como a reorganização da função paterno-materna expresso em sentimentos como culpa, ausência e atenção, fatores esses que acabam por desencadear uma supervalorização de elementos tais como a (in)satisfação e (não)realização do “ser que aprende” em detrimento do aprendizado cooperativo. O desdobramento daí advindo produzirá uma relativização de parâmetros de conduta onde se confunde conceitos elementares de certo e errado, direitos e deveres, entre outros. É neste ponto que a função da família surge como fator que tem por finalidade garantir o pertencimento e crescimento, além de ser o responsável pela arte de acompanhar e interferir nas transformações sociais por meio do seu compromisso ético tanto com a Instituição, como com a promoção do conhecimento e escolha do lazer, pois isto terá como resultado o reconhecimento da “família” como suporte à construção da identidade, o que só pode ocorrer se a família voltar a incluir-se no processo educacional. O que ocorre a partir do legado da família ao ser em processo de aprendizagem, em outras palavras, é à família que cabe a transmissão dos valores disciplinares, de gratidão, de religiosidade, de cidadania.



O insucesso familiar ou seu alheamento tem contribuído para “confusão” dos seus próprios valores que irão se refletir no processo educacional uma vez que os estudantes passam a ter o fardo de arcar com a resposta a seguinte pergunta: como responder a expectativa dos pais? O resultado de tamanha e inadequada responsabilidade tem sido: bloqueios e restrição à criatividade e contenção; irritabilidade, resposta impulsiva ao contexto, baixo limiar de tolerância, sentimento de rejeição, transgressão, inconformação, mentiras, dissimulação, manipulação e furto, agressividade e violência, dificuldade de escolha profissional, instabilidade emocional, fracasso escolar... Diante de tal perspectiva, de um panorama tão nebuloso, existiria um antídoto, e a proposta do projeto se volta para a retomada do “significado”, deste modo propõe um trabalho capaz de promover, junto às instituições de ensino, uma boa qualidade de contato, estimular a percepção acurada dos seguimentos envolvidos, promover a formação e vínculos afetivos significativos, desenvolver consciência reflexiva, investir na relação respeitosa dialógica, estimular a auto-regulação, instruir sobre o controle dos impulsos, estimular as escolhas éticas, auxiliar os profissionais por meio de ações especializadas.

Função da Instituição de Ensino:

É difícil para uma instituição de ensino realizar seus objetivos educacionais caso tenha dificuldade ou não saiba cativar a família e sociedade na qual está inserida. Isso é possível se a instituição incluir em seu projeto educacional o exercício da “representatividade” acolhendo as demandas sociais, discutindo estratégias, implementando ações conjuntas com o fim de maximizar o tempo de estudo devolvendo à cognição a experimentação o que permitirá à instituição ousar ser uma “alternativa” ao processo de aquisição do conhecimento; mas também é papel da instituição ser formadora de opinião através de um ensino que contemple a emoção e a simbolização, bem como que tenha o compromisso de construir a cidadania.

Dentro deste aspecto, poder-se-á resgatar perspectivas optando por uma dinâmica escolar fundamentada tanto no Iluminista quanto no Humanista. No primeiro caso pode-se constatar que o Iluminismo legou a retórica a partir do enfoque sobre a lógica materialista objetiva, que aliada a dialética humanística introduz o simbolismo e o subjetivismo ao cenário do aprendizado. Isto leva à busca da razão e da objetividade aliada a maturação do processo criativo subjetivo. Este processo educacional levantará questões tais como: quem é genial? quem é limitado?, pois é exatamente diante deste espaço que se abre, a partir dos questionamentos propostos, que se poderão encontrar os meios para se superar mitos conceituais sobre a forma e estrutura do ensino expressos em dualidades tais como: seriedade X alteratividade, ciência X ética, aprendizado: objetivo X lúdico, resultados X maturação, escolas X “clubes de ensino”, intelectualidade X cultura, pedagogia: analógica X simbólica.

Implicações da Inação Familiar-Institucional-Social:

É inevitável que os alheamentos dos três segmentos educacionais produzam impacto negativo junto ao ser que aprende, como por exemplo, a exclusão social que



podem ser avaliadas por questionamentos tais como: a quem, as expectativas e “rendimentos” escolares cada vez mais voltados para resultados, excluem?, o que as estatísticas e as notas de provas e exames verdadeiramente evidenciam, falhas de quem aprende ou de quem ensina?, por que se centraliza as assertividades somente sobre o aluno, isto não implica numa desidentificação cultural?, não está ocorrendo uma patologização da singularidade?, e o que dizer da política e estratégia educacional, não estariam tornando-se órfãs, ou produzindo órfãos?

E as conseqüências para o aluno, têm sido avaliadas?, como fica e ao que tem levado a rotulação?, o que dizer sobre o aumento aterrorizante dos adoecimentos, notadamente de freqüentes diagnósticos de Transtornos: adaptativo, fóbico, ansioso, personalidade, alimentar, sexual, depressivo, de TDAH (Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), muitas vezes apenas situacional, ... estariam ocorrendo tantas doenças assim ou estaríamos criando tantos sintomas?, é um modismo ou uma conseqüência?, daqui há dez anos como estarão os “alunos medicados” de hoje vivendo?, ou estarão dependendo de drogas mais sofisticadas?, pois se assim for o que estaria nos distinguindo dos vendedores de entorpecentes?; se somos nós, partícipes do processo educacional, os responsáveis por uma sociedade de intelectuais doentes, dependentes e rotulados. Isso não conduzirá ao enfraquecimento das sociedades?, a incapacidade de lidar com o diferente e com as frustrações?, às alterações de comportamento e conduta, ao desinteresse pelos estudos, a falta de concentração, ao baixo limiar de frustração, a falta de persistência, ao desrespeito ao outro, a instabilidade emocional, a violência? E não é a educação responsável e de qualidade de pais, professores, alunos e da instituição, o melhor remédio para estes males ou a melhor luz para esta escuridão?

Por estas razões a reformulação educacional deve ter o compromisso de buscar parceria entre Família-Instituição-Sociedade, deve reintegrar a Cognição-Cultura-Simbólico ao contexto de aprendizado, deve responsabilizar-se, fiscalizar e implementar, de forma multidisciplinar e por meio de todos os segmentos sociais, novas e responsáveis políticas educacionais visando a formação de um alunado singular, emocionalmente estável e capacitado a serem melhores: alunos, pais, mestres e profissionais, bem como, sociabilizados como sujeito-cidadão; deve comprometer-se com o formar e informar para deste modo ser capaz de construir uma IDENTIDADE sócio-cultural.

Dr. Maurício Aranha - Médico pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Neurociência e Saúde Mental pelo Instituto de Neurociências y Salud Mental da Universidade da Catalunya; Pesquisador do Núcleo de Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas. E-mail: dr_mauricioaranha@yahoo.com.br